

RESENHA

Norbert Elias - entre Aron e Bourdieu - por Marc Joly

Guilherme Simões Gomes Júnior*

Marc Joly. *Devenir Norbert Elias*. Histoire croisée d'un processus de reconnaissance scientifique : la réception française. Paris, Fayard, 2012.

O livro em pauta é derivado de tese doutoral em história, defendida na École des Hautes Études en Sciences Sociales, em 2010¹. Antes dele, Joly já havia editado a tradução para o francês e a apresentação de um conjunto de textos de Norbert Elias reunidos com o nome *Au-delà de Freud: sociologie, psychologie, psychanalyse* (Éditions la Découverte, 2010). História, sociologia, psicanálise estão no centro dos interesses do autor; e a interpretação biográfica e intelectual de Norbert Elias (1897-1990) entre seus maiores desafios.

A exposição divide-se em três partes: a) o momento eliasiano, b) o processo por meio do qual emerge a grande figura da sociologia, c) a recepção de Elias na França. Como tantas teses, no exigente e competitivo meio universitário francês, o trabalho é longo, as fontes são múltiplas, os objetivos variados. Não é possível dizer que o sucesso do trabalho esteja no plano da leitura psicanalítica de Elias, que pode fazer sentido – a condição de filho único, a imagem do pai, a sexualidade sublimada, a autoconfiança sempre mantida, apesar do isolamento e das frustrações –, mas não chega a produzir convicção quando é engendrada para interpretar as escolhas ou os passos analíticos do sociólogo alemão. Também o que se apresenta em “momento eliasiano” (pp. 21-91) muitas vezes aparece como uma vaga e escorregadia história do pensamento sociológico na criação da possibilidade de se “pensar o social-histórico”, que, em Elias, dependeu de uma ruptura com os universais filosóficos e de uma busca concentrada das *dinâmicas de singularização* históricas e sociológicas que culminaram em *Sobre o processo de civilização* (*Über den Prozess der Zivilisation*, 1939), sua obra mais notável.

* Departamento de Antropologia, PUC-SP. Editor de Ponto-e-Vírgula.

¹ - Orientado por Gérard Noiriel, a banca foi composta por Roger Chartier, Johan Heilbron, Bernard Lahire, Bertrand Müller e Michael Werner.

Mas vale a pena superar os obstáculos da primeira parte do livro, porque é depois dela que se encontram as virtudes da pesquisa, orientada para o exame da trajetória de Elias na Inglaterra e da recepção de sua obra na França. A questão central do trabalho de Marc Joly pode ser concentrada em uma breve fórmula: *como um sociólogo nascido na última década do século XIX, formado em Heidelberg, com trânsito pelo Instituto de Pesquisa Social de Frankfurt e pela London School of Economics (LSE)², autor de uma obra inovadora e vigorosa, cujos primeiros livros foram escritos e publicados no fim da década de 1930, pôde permanecer desconhecido até o fim da década de 1960, na condição de septuagenário?*

Se, do ponto de vista geracional, Elias está próximo de Mannheim (1893-1947) e de Parsons (1902-1979), do ponto de vista dos efeitos de sua obra no campo internacional da sociologia, Elias está próximo de Bourdieu (1930-2002), de Giddens (1938), de Habermas (1929) [observações do autor da resenha]. Essa é a questão.

Nos detalhes biográficos arrolados por Marc Joly, percebe-se que Elias parece ter estado sempre na hora errada, mesmo que eventualmente os lugares pudessem ser certos. Como judeu alemão, nascido e criado em província longínqua (Breslau, atual Wrocław, na Polônia), tendo começado os estudos universitários pela medicina e derivado para a filosofia, para então chegar à sociologia, Elias tinha 36 anos quando completou os requisitos para o início de uma carreira universitária na Alemanha. Mas a vitória de Hitler significou o fim de suas ambições. Exilando-se inicialmente por um curto período na Suíça e depois na França – lugares onde não encontrou chances para dar continuidade à sua carreira – optou pela Inglaterra, aonde chegou em 1935.

Sobre o processo de civilização começou a ser escrito em 1934, na França, e foi concluído em 1938, em Londres. Na Inglaterra, durante um longo período, Elias esteve envolvido em três círculos de sociabilidade que lhe garantiram condições de sobrevivência sofríveis, mas permitiram-lhe dar continuidade aos seus projetos intelectuais: a) rede de amizade entre os judeus alemães refugiados, b) a rede frankfurtiana (Foulkes/Seglow), que o articulou ao universo da psicologia londrina, particularmente ao âmbito da análise de grupo (e o afastou, portanto, dos freudianos

² - Em ambas as instituições, Elias foi assistente de pesquisa. Em Frankfurt, como assistente de Mannheim, apesar de não ter o cargo formal, dirigiu de fato e por curto período o departamento de sociologia, que funcionava na sede do Instituto de pesquisa social. Na LSE, foi assistente no início dos anos de 1940. Em nenhuma delas teve cargos institucionais. Em Frankfurt, antes da ascensão do nazismo, havia preparado todos os requisitos para obter o título de *Privatdozent*, inclusive a tese de habilitação sobre a “sociedade de corte”, faltando-lhe apenas a aula inaugural.

estritos); c) a rede universitária de esquerda, articulada à LSE e à WEA (Workers' Education Association). Da primeira, obteve ajuda material para sobreviver enquanto pesquisava para elaborar seu livro. Na segunda, aprofundou sua visão da psicologia social e da psicanálise e atuou como mediador de grupos de psicoterapia. Da terceira, obteve a oportunidade de atuar como assistente de pesquisa na LSE entre 1941 e 1944, e como professor de adultos na WEA entre 1944 e 1954, seu primeiro trabalho remunerado regular. Só então, com 57 anos, foi admitido como *lecturer* em sociologia e psicologia no University College of Leicester, onde já havia sido preterido em concurso anterior. Nessa época, Leicester não era uma universidade autônoma; seus cursos estavam sob a tutela da universidade de Londres e tinham um caráter preparatório para a formação superior. Só em 1957 Leicester constituiu uma área própria de sociologia, na qual Ilya Neustadt (1915-1993) e Elias tiveram papel proeminente. No entanto, do ponto de vista institucional, Elias não passou da posição subalterna de *lecturer*, própria aos iniciantes na carreira. E pode-se dizer que lá mais deu do que recebeu. Enquanto muitos jovens sociólogos começaram suas carreiras por lá (inclusive Giddens) e seguiram em frente, em outras instituições de maior prestígio, Elias marcou passo durante as duas décadas em que esteve em Leicester. Para alguns, como diz Joly, a permanência de Elias era considerada como “uma medida de favor” (p. 169).

De fato, sua sociologia histórica e processual, com intrusões da psicanálise, nunca foi plenamente admitida no ambiente das ciências sociais inglesas. Além disso, parecia descabida, para seus interlocutores ingleses, tanto sua atitude altiva como sua segurança em apontar os limites da sociologia estática de Parsons, como suas críticas a Popper, que foram motivo de algum escândalo. A posição em Leicester não lhe serviu nem como trampolim para outras instituições mais prestigiosas, nem como plataforma para temporadas em outros ambientes de pesquisa. O almejado ano sabático na Califórnia, no Center for Advanced Studies in Behavioral Sciences em Palo Alto foi, por três vezes, recusado, entre 1961 e 1963, apesar do apoio e recomendação de Edward Shils. Sobrou-lhe a estadia de dois anos em Gana, como professor convidado. Portanto, não há que idealizar sua viagem à África, que aconteceu no mesmo período em que tentou a Califórnia [observação do autor da resenha].

Sobre o processo de civilização teve uma edição quase secreta em 1939. Publicada com recursos familiares, antes do destino trágico que levou seus pais ao campo de concentração e ao extermínio, o livro pouco circulou. Mas foi objeto de algumas leituras

e resenhas de sociólogos que ganhariam projeção mais tarde. Edward Shils e Howard Becker manifestaram-se sobre as grandes qualidades do livro em carta e resenha (*The American Historical Review*, 1940). Também Raymond Aron falaria do livro em *Annales Sociologiques* (1941). Na Inglaterra, *Sobre o processo de civilização* teve bons leitores, uma promessa de tradução, mas quase nenhuma repercussão fora dos círculos pessoais e intelectuais de Elias. Além destes, que não tinham relações pessoais com o autor, Foulkes, seu companheiro de exílio em Londres, escreveu duas resenhas, uma de cada volume do livro, em 1939 e 1941, em *Internationale Zeitschrift für Psychoanalyse*. Cabe também fazer referência às duas resenhas de Franz Borkenau em *The Sociological Review* (1939). Mas essas resenhas tiveram um caráter disperso, em círculos descontínuos e não impulsionaram o reconhecimento do livro.

De qualquer forma, no seu período em Leicester, Elias conduziu pesquisas e escreveu textos importantes. Mas, com exceção de dois artigos no *British Journal of Sociology* da LSE [Studies in the genesis of the naval profession, 1950; Problems of involvement and detachment, 1956], a constatação era de fato lapidar: Elias não publica (p. 160). Além desses artigos, só depois de onze anos de sua chegada a Leicester é que aparece *Os estabelecidos e os outsiders*. Os estudos sobre o esporte e seu *Was ist Soziologie?*, foram editados bem depois de sua permanência em Leicester.

Como escreveu Giddens mais tarde, Norbert Elias “comportava-se como se fosse um pesquisador mundialmente conhecido – o que, com efeito, veio a ser. Ele me ensinou o valor da devoção e da perseverança” (p. 165). Mas, apesar dessa *lição*, Giddens demonstra que, intelectualmente, “eu jamais me convenci com os temas centrais de *Processo de civilização* ou pela teoria freudiana do recalçamento que nele está subentendida” (ibidem). O que é exemplo e síntese das restrições do ambiente inglês à sociologia de Elias. E também das restrições no plano internacional em razão da dominância dos modelos sociológicos de Parsons e Lazarsfeld.

Inquieto com o insucesso na Inglaterra, em meados da década de 1960 Elias chega até a acalantar a ideia de mais um guinada de trajetória: retomar a atuação no âmbito da análise de grupo, pretendendo criar um instituto de pesquisa em psicoterapia e sociologia, o que ficou registrado em uma nota pessoal de 1965 (p. 169). Mas essa reviravolta não chegou a ser realizada, porque então começou sua redescoberta na Alemanha, com os convites para encontros e cursos (semestre de inverno entre 1965 e 1966) na Universidade de Münster. Só então o sociólogo começou a ser *salvo*. Mas em

outros ambientes intelectuais, na Alemanha, na Holanda e, por fim, na França, quando se abriu a nova fase do reconhecimento internacional de sua produção científica. Sobretudo depois das novas edições alemãs de *Sobre o processo de civilização* e *A sociedade de corte*, entre 1968 e 1969, que dão início às suas traduções em todo o mundo.

É nesse ponto que o livro de Joly, depois da página 183, começa a apresentar como que outra tese encaixada na primeira. O que se desdobra até a página 393. Na terceira parte do livro, “Norbert Elias en France”, apesar de Elias continuar no centro da investigação, há uma longa e detalhada reconstrução do campo intelectual e universitário francês tendo como núcleo a relação entre Raymond Aron e Pierre Bourdieu e as grandes mudanças no campo entre as décadas de 1950 e 1970. É coerente que essas duas figuras apareçam com destaque em estudo da recepção de Elias, assim como François Furet, Roger Chartier e tantos outros historiadores dos *Annales*. Mas ao longo do percurso percebe-se que não foram dois primeiros que colocaram Elias no jogo.

Sobre Aron, Joly mostra como no pós-guerra tornou-se a figura central da sociologia francesa e como chegou a impor um modelo de “excelência sociológica à francesa” (pp. 190-231) a partir das posições que ocupou e das instituições que criou, sobretudo o Centre de Sociologie Européenne (CSE). Modelo que foi dominante até 1968. Além do trunfo de ter sido aquele que com mais consistência tornou obrigatória a leitura dos sociólogos alemães na França, Aron, desde a criação da 6ª seção da École Pratique des Hautes Études (EPHE) em 1948 (Ciências Econômicas e Sociais), de sua eleição em 1955 para a Sorbonne (o que lhe permitiu dirigir *teses de Estado*) e da Presidência da Comissão de Sociologia do CNRS, tornou-se indiscutivelmente o *patrão* da sociologia na França. Além disso, foi notável sua capacidade de mobilização, formação de equipes e obtenção de recursos, como os da Fundação Ford. Com isso, atraiu para seu círculo os mais destacados jovens pesquisadores que se formaram no período, ou pouco antes: entre outros, Éric Dampierre, Pierre Bourdieu, Michel Crozier, Alain Touraine, Raymond Boudon, Julien Freund, Jean-Claude Passeron e também o etnólogo Georges Balandier. Um círculo verdadeiramente notável, para um sociólogo que não constituiu uma escola de pensamento.

Apesar de Dampierre - um sociólogo liberal, com trânsito por Chicago e politicamente mais próximo de Aron - aparecer como candidato natural para ocupar a secretaria geral do CSE, Aron o preteriu em favor de Bourdieu. Parecia-lhe claro que o último

demonstrara, no processo de formação e nas iniciativas de pesquisa até então realizadas, ser o portador das virtudes visadas por Aron: uma consistente formação filosófica e uma abertura para a pesquisa empírica respondendo às demandas de uma sociologia das questões do presente no Estado e na sociedade francesas. Em razão disso, em 1959, Aron entregou a Bourdieu a secretaria geral do CSE; em 1960, fez dele seu assistente na Sorbonne; e, além disso, intercedeu em seu favor (junto a Braudel, diretor da EPHE), para que conquistasse, em 1965, aos 35 anos, a condição privilegiada de Diretor de Estudos.

Na direção do CSE, Bourdieu aos poucos foi se afirmando e deu à instituição contornos bem distintos daqueles pretendidos pelo mestre, afastando progressivamente os *sociólogos liberais*, como Dampierre e Crozier, e tornando difíceis as ligações internacionais - além Mancha e além Reno - que Aron havia constituído em associação com Thomas Bottomore e Ralf Dahrendorf. Com isso, dos três grandes eixos previstos na constituição do Centro, o que mais prosperou foi o da “sociologia da cultura”, em detrimento da “sociologia dos comportamentos econômicos” e da “sociologia das organizações”.

Após esse desenho da situação da sociologia na França, bem mais detalhado do que foi possível resumir aqui, Marc Joly dedica um grande número de páginas às relações entre Aron e Bourdieu, sobretudo, no que diz respeito à ruptura, que teve seu ponto culminante nos idos de 1968, quando finalmente se afirma a versão heterodoxa da sociologia francesa, contrária ao que era pretendido por Aron. Não cabe aqui entrar em detalhes, mas é necessário buscar entender o porquê dessa tese no meio da tese maior sobre a recepção de Elias na França (da página 187 a 231 Elias praticamente não é citado). Sobretudo, porque reconstrói e interpreta a biografia de Bourdieu (sua relação com pai, sua ambivalência com a escola e a cultura das elites, sempre tendo como pano de fundo a relação com Aron). Duas hipóteses: ou se trata de uma digressão paralela, na qual Joly aproveitou para fazer um acerto de contas com Bourdieu e, com isso, eclipsou temporariamente Elias, ou se trata de afirmar que tanto Aron como Bourdieu retardaram, por motivos distintos, o reconhecimento de Elias no ambiente das ciências sociais na França. Essa última conclusão, no que diz respeito a Bourdieu, não é claramente assumida. Mas parece ser a mais lógica. Veremos adiante.

Entre 1959 e 1962, Elias teve diversos encontros com Aron nos World Congress of Sociology da ISA, em Stresa e em Washington, em situações visivelmente assimétricas.

Enquanto Aron dava grandes conferências e fazia articulações com Dahrendorf e Bottomore para os primeiros números da revista *Archives Européennes de Sociologie*, Elias penava para ter uma comunicação aprovada e fazia gestões subalternas para ter o artigo “The break with traditionalism and the origins of sociology” aprovado para a revista. Na diplomacia dos editores, o valor do texto era incontestável, mas era muito longo e parecia não estar suficientemente em acordo com os objetivos atuais da revista. E o texto (ou sua versão preparatória) ficou perdido nas atas do 5º congresso da ISA.

Na conclusão de Joly, por esse e outros exemplos, “[...] pode-se deduzir sociologicamente que Raymond Aron não tinha nenhum interesse em ser o introdutor de Norbert Elias na França” (p. 239). No entanto, bem mais tarde, depois da ruptura entre Aron e Bourdieu, em 1968, foi por uma recomendação de Aron que o editor Jean Baechler, ex-aluno e participante de seu círculo, que o livro de Elias foi traduzido em publicado pela primeira vez na França, em 1973, pela Calmann-Lévy. Para Joly, chama a atenção o fato de, na mesma época, Bourdieu e Passeron, com grande entusiasmo, introduzirem na França o livro *The uses of literacy*, do professor de literatura Richard Hoggart (também *lecturer* em Leicester)³, dando a ele um enquadramento claramente sociológico, tanto na escolha do título (*La culture du pauvre: étude sur le style de vie des classes populaires*, 1970) como nas divisões internas em que categorias sociológicas foram introduzidas pelos tradutores. Em simetria inversa com o que ocorreu com a tradução do livro de Elias, da qual foram suprimidos o prefácio e a introdução, nos quais se explicita a natureza da discussão sociológica implícita na pesquisa; e chama a atenção também a ausência de qualquer referência, na nota biográfica, à condição de sociólogo do autor. Na transferência para a França, Hoggart, o crítico e professor de literatura, virou sociólogo; e Elias, o sociólogo, foi “dessociologizado”.

Mal visto por Aron, *desconhecido* por Bourdieu, que desde 1964 na Coleção Le Sens Commun nas edições Minuit traduziu inúmeros autores estrangeiros, que ganharam importância na sociologia francesa, Elias precisou esperar até 1973 para seu livro principal ser publicado na França sob os auspícios de Aron, mas em uma operação na

³ Na década de 1960, Bourdieu e Passeron demonstraram grande interesse pelos ingleses, não apenas Hoggart, mas também Basil Bernstein (sociologia da educação), John Goldthorp, colega de Elias em Leicester, e David Lockwood, os últimos, presentes em *Le métier de sociologue*, no debate sobre estrutura de classe (p. 240). É curioso notar que Bourdieu traduz e escreve posfácio de *Architecture gothique et pensée scolastique* de Panofsky, em 1967, e declara posteriormente que esse texto foi fundamental na constituição de seu conceito de *habitus* [observação do autor da resenha].

qual a nova geração de *Annales* seria a grande interlocutora do autor de *Sobre o processo de civilização*. É na constelação daqueles que sucederam Braudel e Ariès que Elias fará sentido: François Furet, Le Roy Ladurie, Georges Duby, Jacques Le Goff e, entre os mais novos, Jacques Revel, André Burguière e Roger Chartier. Todas as ambiguidades e os conflitos dos historiadores com relação a Elias são tratados em detalhe por Marc Joly.

É importante notar que Furet e Ladurie, além de suas inserções acadêmicas, ocupavam posições de intermediários culturais por escreverem com regularidade em dois dos mais importantes periódicos: *Le Nouvel Observateur* e *Le Monde*, nos quais apareceram suas resenhas, que deram grande visibilidade ao livro de Elias. Tanto nestas como em outras resenhas de intelectuais midiáticos Elias foi tratado como um precursor da *École des Annales*, ou ao menos como aquele que, em outro registro, antecipou as abordagens dos historiadores franceses. Mesmo na única resenha escrita por uma socióloga profissional, Dominique Schnapper (filha de Aron), Elias é visto como um antropólogo da nossa própria sociedade que “surpreendentemente ‘intui’ de forma pioneira os problemas dos historiadores contemporâneos e ‘encontra’ os trabalhos de Philippe Ariès sobre a evolução da família e as conclusões da escola de demografia histórica” (p. 298).

Se Furet e Ladurie, como historiadores-jornalistas, orquestraram a celebração consensual de *Sobre o processo de civilização*, no plano das divisões acadêmicas, foi em torno de Le Goff que se constituiu o terreno mais fértil da recepção científica de Elias, sobretudo, porque foi sob sua liderança intelectual que a nova história mais se aproximou da etnologia, a ponto de ser refundada com o título de antropologia histórica. E foi entre os mais jovens, ligados a Le Goff, como Chartier, Revel e Burguière, que Elias foi incorporado não apenas como uma onda passageira, mas no sentido de um verdadeiro diálogo, com interferências decisivas nos trabalhos desenvolvidos por eles. Particularmente, Chartier, que teve com Elias a melhor relação a ponto de tomar para si a tarefa de introduzir a edição francesa de *A sociedade de corte* (1974). Curiosamente, Chartier foi aquele que teve relações mais produtivas também com Pierre Bourdieu.

Só em 1976 Bourdieu entra em cena na recepção de Elias, quando escreve uma carta convidando-o para publicar um artigo seu em *Actes de la Recherche en Sciences Sociales*, revista fundada no ano anterior, que seria o núcleo central da produção intelectual do grupo bourdieusiano. Na carta aponta para a “evidência” das relações entre a obra de Elias e aquilo que ele e a equipe da revista têm empreendido. É dessa

iniciativa que deriva a publicação de “Sport et violence” (1976) de Elias na revista de Bourdieu. Mais adiante, em 1985, Bourdieu e Chartier trazem Elias novamente a Paris, quando da publicação da edição de bolso de *Processo de Civilização*: uma conferência no Collège de France – já então território do plenamente consagrado Bourdieu – e um seminário na EPHE organizado pelo historiador e pelo sociólogo.

Além dessas homenagens promovidas por Bourdieu, é apenas na década de 1990 que Elias começa a ser discutido ou citado diretamente pelo sociólogo francês em seus artigos em *Actes de la Recherche*: “Esprits d’État: gênese et structure du champ bureaucratique” (1993); “Strategies de reproduction et modes de domination” (1994); “Sur les rapports entre sociologie et histoire en Allemagne et en France” (entrevista, 1995); “De la maison du roi à la raison d’État: un modele de la gênese du champ bureaucratique » (1997) [observações do autor da resenha].

Marc Joly não apresenta qualquer dado a indicar que Bourdieu tenha lido *Sobre o processo de civilização* na edição de 1939, ou mesmo nos anos que separaram a segunda edição alemã (1968) e a edição francesa (1973), mas não é descabido pensar que soubesse do livro, já que Elias circundou Aron em todo o início da década de 1960. Como secretário executivo do CSE, desde 1959, junto ao qual a revista *Archives Européennes de Sociologie* tinha um caráter quase oficial, é pouco provável que Bourdieu não soubesse de Elias. Além disso, o conhecimento de Bourdieu sobre o que acontecia na sociologia inglesa, particularmente em Leicester, era bastante expressivo. Sobre essa possibilidade, há apenas uma afirmação indireta, que Joly tira de André Burguière: “[...] Totalmente desconhecido? Não, Raymond Aron o havia destacado e havia feito uma resenha elogiosa [de *Über den Prozess der Zivilisation*] em *L’Année Sociologique*, quando de sua publicação. Infatigável introdutor da sociologia alemã em nosso país, ele apresentou o livro aos seus alunos, a Pierre Bourdieu, por exemplo, que faz dele um bom uso em *A distinção*” (p. 240).

Como disse anteriormente, o livro de Joly não é conclusivo, mas parece claro que sua tese sobre a recepção de Elias na França acaba por afirmar que, tanto Aron como Bourdieu, não tiveram interesse em introduzir o autor de *Sobre o processo de civilização* na França. E que esse livro só veio à tona em razão da grande cisão que se deu em 1968 quando Bourdieu, rompendo com Aron, deu outros contornos ao destino da sociologia nas três últimas décadas do século XX na França. Por que Aron, o grande introdutor da sociologia alemã na França, só tomou iniciativa de traduzir o mais

importante livro de Elias no começo da década de 1970? A resposta do livro de Joly não é perfeitamente clara, mas todos os dados estão dispostos para responder no sentido de que Aron colocou Elias em cena para confrontar Bourdieu, com outra sociologia da cultura.

Como eu disse no início dessa resenha, as qualidades do livro de Marc Joly não estão nos ensaios de explicação psicológica que aparecem para esclarecer impasses na trajetória de Elias. Por inteiro, as virtudes do livro estão localizadas na construção do objeto por meio das categorias geralmente tomadas da sociologia de Bourdieu, sobretudo da pequena tese que aparece no artigo “Les conditions sociales de la circulation internationale des idées” (1989/2002), citado por Joly na página 24, quando explicita seus fundamentos teóricos e metodológicos. As recepções problemáticas de Elias estão relacionadas tanto à ideia do “mal-entendido estrutural” que deriva do fato de que, na circulação internacional, o texto não carrega consigo o seu contexto; problema acrescido, no caso particular de Elias, pelo fato de que seu próprio contexto foi eliminado na ascensão do nazismo, criando um vácuo nas possíveis interlocuções que seu livro poderia produzir no universo intelectual de sua formação, o que poderia ser fator de sua propagação para outros ambientes intelectuais. De outro lado, a operação de fazer um texto entrar em outro lugar depende da situação do campo de recepção e das disputas entre os agentes por posições dominantes nesse âmbito.

Muito bem desenvolvido por Marc Joly, seguindo metodologicamente tanto Elias (as categorias nacionais de pensamento) como Bourdieu (as regras do jogo no campo e suas lutas internas), o livro é muito útil para entender o drama de Elias na Inglaterra e a *salvação* de Elias, que é impulsionada por sua recepção na França.

Vale a leitura.